

# O ENSINO DE HISTÓRIA: ENTRE INOVAÇÕES E PROCEDIMENTOS

Diogo da Silva Roiz<sup>1</sup>  
(Universidade Federal do Paraná)



Vol. 8 nº 16 jul./dez. 2013  
p. 511-513

O ensino de história tem passado por uma renovação nas técnicas, métodos e procedimentos, que fizeram inovações significativas dos anos de 1990 para cá, ao tornarem-no mais lúdico, e menos monótono, mais dinâmico, e menos cansativo, mais próximo da realidade dos alunos, e menos abstrato.

Essas inovações, sem dúvida alguma, também estão intimamente relacionadas ao movimento internacional de metamorfoses que tem passado a 'escritura da história', assim como as leituras que se fazem sobre o passado, inclusive, aliás, com alterações de perspectivas e de escalas de análise, que proporcionaram a inclusão das massas anônimas, até então excluídas dos processos históricos, ou as alocadas como participes apáticos e secundários.

Mas, elas também se devem à tentativa, evidentemente tardia, de o governo federal efetuar políticas de inclusão social, em que o ensino de história (como de outras áreas) deveria pensar a história do país, tendo em vista a participação de todas as etnias e grupos sociais, e não apenas o colonizador europeu – até então caracterizado nos livros didáticos, como o único impulsionador do processo.

Se, renovação da história da historiografia internacional e suas apropriações no país, assim como as mudanças legislativas federais, estaduais e municipais, contribuíram para estabelecer um conjunto de inovações no ensino de história, estas só seriam realmente possíveis e viabilizadas com o trabalho constante das universidades do país, apesar de o movimento e o diálogo entre universidades e ensino fundamental e médio ainda deixar a desejar em muitos pontos.

De certo modo, o livro: *Crônicas cariocas e ensino de história*, de autoria de Magali Gouveia Engel, Daniel Morais Angelim, Leandro Rossetti de Alemida e Leonardo Ayres Padilha, por meio de suas estratégias interpretativas e sugestões de trabalho, conseguiram contornar as dificuldades de justapor as leis ao processo de produção do texto, dispondo ao mesmo tempo de uma leitura atualíssima da historiografia e a convertendo num conjunto de tarefas e atividades que os

<sup>1</sup> Doutorando em História pela UFPR, bolsista do CNPq. Mestre em História pela Unesp, Campus de Franca. Professor do departamento de História da UEMS, unidade de Amambai, em afastamento integral para estudos.

docentes do ensino fundamental e médio podem facilmente aplicarem a seus alunos. Aliás, esse é o ponto alto do texto, por oferecer algumas sugestões para trabalhar as crônicas de (Afonso Henrique de) Lima Barreto (1881-1922), (João Paulo Emílio Cristóvão dos Santos Barreto) João do Rio (1881-1921) e de Olegário Mariano Carneiro da Cunha (1889-1958), não somente para o ensino de história, mas, num percurso interdisciplinar, poderem ser trabalhadas conjuntamente entre todas as disciplinas escolares. Por que ao contarem as histórias miúdas do cotidiano da cidade de Rio de Janeiro, eles tornaram suas crônicas uma matéria-prima indispensável, para ser conhecido o dia-a-dia da cidade, no passado, assim como o comparar com a cidade do presente. Assim, destacaram os campos temáticos vinculados a cidade, a política, a identidade, a nação, ao trabalho e aos gêneros, escolha que definiu quais as crônicas que deveriam ser selecionadas, e apresentadas na íntegra (p. 43-72; 109-54; 189-208) pelos autores. Ao lado das crônicas, o profissional, tanto quanto o leitor em geral, encontrará o perfil biográfico dos literatos selecionados (p. 15-19; 87-90; 169-71), a demarcação da época, do lugar e dos agentes que interagiram com eles no período (p. 20-32; 91-101; 172-182), as principais características de suas crônicas (p. 33-34; 104-108; 184-188), e, por fim, modos de como trabalhá-las em sala de aula por professores de história, geografia, português e literatura, química e biologia, espanhol, configurando, assim, um verdadeiro trabalho interdisciplinar na escola.

Desse modo, o principal objetivo do livro foi “oferecer subsídios a professores do ensino básico interessados em utilizar as crônicas de Lima Barreto, de João do Rio e de Olegário Mariano para ensinar história dialogando com outras disciplinas [...] de propor uma reflexão sobre as possibilidades de metodologias de ensino alternativas pautadas na indissociação entre ensino/aprendizagem/pesquisa” (p. 8). Para chegarem à escolha desses cronistas e não de outros, os autores efetuaram uma seleção, ao os compararem com: Joaquim José França Júnior (1838-1890); Joaquim Maria Machado de Assis (1839-1908); Arthur Azevedo (1855-1908); Aluísio Tancredo Gonçalves de Azevedo (1857-1913); Raul D’Ávila Pompéia (1863-1895); Henrique Maximiliano Coelho Neto (1864-1934); Olavo Brás Martins dos Guimarães Bilac (1865-1918); Armando Erse (‘João Luso’, 1875-1950); Orestes Barbosa (1893-1961); e Benjamin Delgado de Carvalho Costallat (1897-1961). Donde o fundamental questionamento:

**Por que utilizar textos literários para ensinar e aprender história? Bem, em primeiro lugar isso não se constitui novidade. A literatura pode ser um meio rico e eficaz para construirmos com nossos alunos uma história viva que efetivamente rompa com a imagem da história como um saber inútil e chato. Outro aspecto fundamental diz respeito às possibilidades de aprimoramento da aprendizagem da leitura e da escrita, abrindo-se perspectivas para a construção de parcerias com a área de português e fazendo da disciplina história um lugar também responsável pelo aprofundamento e consolidação do processo de alfabetização dos alunos. [...] o uso da literatura favorece, ainda, amplas possibilidades de trabalhos interdisciplinares – não apenas com a disciplina de português, mas com outras como geografia, ciências, etc. [...] Além de dar conta das ‘coisas miúdas’, ou seja, do cotidiano de**

pessoas de carne e osso que, afinal, *fazem* a história, a crônica também se ocupa das dimensões macros do processo histórico. E o faz com uma vantagem indiscutível para o nosso genial cronista: de forma simples, acessível, bem humorada e irreverente. Muito diferente da sisudez dos registros feitos pelos historiadores de profissão. [...] Situadas nas interseções entre a ficção e a realidade, as crônicas são, de fato, fontes ricas e atraentes para a história em suas mais diversas dimensões. Tecidas no cotidiano da vida, revelam-se muitas vezes mais coloridas e dinâmicas do que os textos dos livros didáticos ou de outros tipos de fontes. Através de uma linguagem mais enxuta, que dialoga com os leitores de forma direta e objetiva, as crônicas falam de um dia-a-dia que, mesmo distante, pode revelar alguma afinidade com o nosso tempo, ao procurar dar conta das dimensões mais comuns do vivido (p. 10-12).

Assim o fazendo, os autores procedem as suas escolhas, dando ênfase às transformações do espaço urbano, da política, dos mundos trabalho, do gênero, da identidade, em um movimento que percorre todo texto (e as crônicas selecionadas), cujas atividades de um para o outro cronista não se repetem, o que torna o texto ainda mais rico em possibilidades de trabalho em sala de aula.

Por essas razões, o livro chega em boa hora, e é uma ótima escolha para o profissional a procura de uma formação sempre continuada, assim como para o leitor em geral, que quer conhecer melhor a história da cidade do Rio de Janeiro, por meio da pena de alguns de seus cronistas, assim como as principais questões que marcaram a sua época e a do país.

ENGEL, M. G.; ANDELIM, D. M., ALEMIDA, L. R., PADILHA, L. A. *Crônicas cariocas e ensino de história*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2008, 225p.

Recebido em 10/02/2011

Aprovado para publicação em 12/02/2013